

# *ENTRE O COLUNISTA E O FILÓSOFO, encontramos Luiz Felipe Pondé*

## **RESUMO:**

*Luiz Felipe Pondé, escritor e ensaísta, doutor pela USP com pós-doutorado pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e FAAP, filósofo, colunista imperdível da Folha de São Paulo. É autor de “A Era do Ressentimento”, “Guia politicamente incorreto da Filosofia”, “Contra um mundo melhor – Ensaaios do afeto”, “Os Dez Mandamentos (+ Um)”, “Guia Politicamente Incorreto do Sexo”, e falou sobre “As Tensões da Democracia” em atividade conjunta UniBrasil – Graciosa Country Clube, mostrando que continua polêmico, divertido e exímio observador da realidade brasileira.*

## **AUTORA:**

*Carla Regina França - Professora Pesquisadora do UniBrasil Centro Universitário e professora de Psicologia e Medicina da Pontifícia Universidade Católica - PUCPR.*

Como colunista, ele é ácido e imperdoável, examina a vida a olho nu. Já na segunda-feira nos apresenta sua versão de algum fato com uma capacidade impressionante de verdades que tentamos não ver. Ele nos desvenda a vida mesmo que não queiramos. Pondé cutuca nossa cegueira com suas palavras em brasa. Não escreve os temas como um lamento, mas dita verdades que nos deixa no avesso. Mas, que apesar das aparências bastante difíceis, são fundamentais. Tira o artifício da anedota o que não deixa menos instigante sua leitura. O que não quer dizer que abra mão do deboche. Deixou a medicina para isso.

Como professor seus alunos dizem que é muito generoso. Orienta, dirige e os conduz pelo árduo percurso do conhecimento que constantemente nos frustra e que quanto mais estamos perto dele, ele nos escapa. Dizem seus alunos, que depois se transformam em seus adeptos, que ele oferece a cor do saber e indica um caminho, fazer o percurso é de cada um. Seus alunos o fazem. Uma das razões é porque Pondé confessa livremente que é a sala de aula que lhe dá prazer, ele é professor por acreditar na docência, ao acreditar na docência apaixona seu interlocutor. Não nos deixa sem resposta, mesmo que não as saiba, nos encaminha para algum lugar, é o professor que não liberta o homem ou o homem que se transformou no professor. Há mais.

Sempre é chamado para dar conferências, queremos saber o que ele tem a dizer. Nelas sempre começa a dizer assim: “eu acho que” ou “a minha ideia é”. Nos dá, logo de cara, o indicativo de que falará por ele mesmo, o filósofo que usa dos argumento céticos para ler a realidade. O tom da sua voz é leve e sua fala não é rebuscada e incompreensível que reduz o mundo a pequenas coisas, nos eleva a verdades difíceis sobre ele, sobre a política, sobre os homens, as mulheres entre outros temas. Não acredita em um sentido da história. A visão ingênua de uma vida que deve ser vivida para daí se ter as respostas do universo, é bobagem. Não me parece ter a crença de um mundo melhor, no progresso da humanidade. Um pouco trágico, mas nada dramático, isso não combina com sua personalidade subversiva. Não importa que seja assim, nada disso limita o alcance do seu olhar.





Do “Politicamente Incorreto da Filosofia” ao Politicamente Incorreto do sexo” massacra o politicamente correto como, por exemplo, ao falar das mulheres, elas que não precisam ser honestas, precisam parecer ser. É um apreciador e desnuda o recato extremo ao falar delas; não as vê com olhos famintos de desejo, mas com olhos que veem os contornos da subjetividade feminina: das chatas e feias às bonitas e invejáveis. Num raio x cruel denuncia que nada pior do que uma mulher linda e inteligente e se for simpática, pior ainda. Confessou que escreveu um livro para suas leitoras, tinha uma dívida com elas. Confessou algo interessante na sua última vinda a Curitiba: enquanto os homens discutem ideias, as mulheres contam histórias, por isso seu último livro escreveu para elas.

Em uma outra vez, assistindo uma fala dele, fiquei emocionada. Perguntaram a ele o que gostaria de fazer hoje, obviamente querendo saber sobre política talvez. Sua resposta foi forte: “Ficar mais com meus filhos”. Eis que em torno de todas as polêmicas nas quais ele está inserido, surge o homem sensível, Luiz

Felipe. Depois do colunista, do palestrante, do professor, o amigo desponta para fazer parte da nossa vida. Nas rodas de conversa ele é livre dos seus personagens. Longe das controversas teóricas é gentil e extremamente generoso, sua simpatia é deliciosa e necessária para nos livrar do peso da vida. Sua gargalhada, nos mostra que vida também é leve e nos deixa ávidos de interesse pelas suas histórias, suas conquistas e seus impasses. Nos jantares com evidente vigor devora a sua comida com gosto e jeito de quem aprecia e muito aquilo, e como muita gente, aprecia um bom vinho e o toma com gozo. Depois vem o robusto charuto, não abre mão deste nefando hábito dos dias de hoje.

Sempre vem a Curitiba. Encontramo-nos com ele para, pelo menos, termos poucas horas do prazer da sua companhia. Eu, sua amiga e admiradora, sempre vou encontra-lo e poder ter com ele estes pequenos prazeres que a vida e sua companhia nos dá. Quando vai embora, sempre faço a mesma pergunta: “Quando você volta?” e o melhor é que na sua resposta sempre já tem uma outra data marcada.